

CATTLEYA LABIATA LINDL.

VAR. SEMI-ALBA TUBULAR.

JOÃO PAULO DE SOUZA FONTES (*)

PARA ENTENDEREM, O PORQUE, do destaque especial que estou dando ao colorido desta *Cattleya labiata*, considerando-o como uma nova variedade, tenho que ser um pouco repetitivo nas minhas recordações, sobre o início da orquidofilia brasileira.

Como todos sabemos, nos primórdios deste século, as nossas matas, que, em outras épocas, foram devastadas por coletores de plantas, de outros países, passaram a sofrer incursões de coletores nacionais, que se embrenhavam pelas florestas, em busca das tão cobiçadas "orquídeas". Foi assim que se formaram as nossas primeiras coleções de espécies brasileiras.

Em princípio, os colecionadores se contentavam, em ter, uma simples muda de orquídea, mas, com o passar dos anos, começaram a ficar mais exigentes, não só para valorizarem suas coleções, como, também, para criar novas motivações, aumentando o interesse pelas disputas nas mostras de plantas. Assim, foram se formando as sociedades orquidófilas, realizando-se, então, as primeiras exposições de orquídeas. Inicialmente, foram regionais, depois passaram, a estaduais, a nacionais, a internacionais, culminando com a Mundial de 1996.

Seguindo o exemplo, do que, já acontecia em outros países, estabeleceu-se padrões de um belo-convenciona para os coloridos e formas das diversas espécies de orquídeas. Com estas disputas, passaram-se a fazer seleções entre as plantas coletadas, procurando atingir-se os parâmetros dos

padrões estabelecidos.

Para se conseguir uma planta que preenchesse os conceitos estabelecidos, era preciso fazer uma escolha entre centenas e centenas de plantas, e, muitas vezes, não se conseguia selecionar nenhuma que agradasse. As mais comuns, eram as "lilás com o labelo purpúreo", classificadas como "tipo". Dentro desse colorido, a seleção era mais rigorosa, pois tinha-se um maior número de plantas. Já outros coloridos e desenhos eram encontrados em menor quantidade, tornando a seleção mais difícil. Quando se conseguia, uma *alba*, uma *caerulea*, uma *suave*, uma *semi-alba*, uma *concolor* era um acontecimento, pois eram consideradas verdadeiras raridades.

Assim, o conceito do belo, estabelecido como padrão, tinha que se adequar, não só a cada variedade de colorido, como, também, à espécie da orquídea, não se podendo exigir o mesmo nível de perfeição para todas, tendo que se respeitar, o padrão máximo, alcançado em cada uma. Vemos pois, como era difícil, encontrar-se uma planta que reunisse os requisitos exigidos pelos colecionadores.

Os orquidófilos, realizavam de tempos em tempos, em seus orquidários, uma mostra das plantas conseguidas, reunindo, nessa ocasião, alguns companheiros. Quando conseguiam uma raridade, era motivo de satisfação tão grande, que, muitas vezes, promoviam comemorações para festejar o acontecimento. Nestes encontros, eram relatadas as peripécias para se conseguir a nova "jóia". Assim, quase todas as

plantas chamadas de “cabeceira” tinham um histórico.

Como acontece com todos os colecionadores, há um sentimento de exclusividade, pela posse, da obra rara, e para se conseguir um corte de uma planta selecionada, era uma verdadeira dificuldade. Por vezes levava-se mais de um ano para atingir o tão cobiçado objeto e, mesmo assim, isso era antecedido de uma série de recomendações e observações, até mesmo quando a planta era comprada. A concordância da troca ou presente, era uma demonstração de amizade, confiança e consideração. Quando não se tinha um corte disponível, marcava-se na planta, o nome da pessoa, a quem, se tinha prometido a muda.

Formaram-se, assim, famosas coleções de orquídeas, que chegaram a ter projeção mundial, abrindo o caminho para divulgação da nossa orquidofilia. Foi com o esforço destes pioneiros que surgiram as plantas matrizes, que, muitos anos mais tarde, com o advento de “Knudson”, vieram a ser usadas em fecundações, perpetuando, assim, as nossas espécies de melhor nível. Iniciou-se, então, uma nova era para nossa orquidofilia, não se precisando mais tirar plantas das matas.

Surgiram destas fecundações, clones belíssimos que muitas vezes, suplantaram as características de seus progenitores, e normalmente, mantendo os seus coloridos originais.

Com o aparecimento em maior quantidade destas novas plantas, tornou-se muito mais fácil conseguirem-se plantas de melhor gabarito e, assim, foi acabando, pouco a pouco, o “tabu” da raridade. As “albas”, “caeruleas”, “suaves” etc., que, antes, apareciam uma em mil passaram a ser conseguidas em maior quantidade nas auto-fecundações e intercruzamentos. Diante desta revolução, o padrão das plantas melhorou muito, obtendo-se um percentual maior de clones com a perfeição exigida.

O conceito do “belo” foi mudando, ficando mais rigoroso do que era no passado, tanto que muitas plantas que ocuparam um certo lugar de destaque são consideradas, hoje, como ultrapassadas. No entanto, no meu entender, essas plantas, devem ser mantidas em nossas coleções, não por saudosismo, mas pelo respeito à tradição vinda de um passado que ajudou a formar o nosso presente.

No começo, essas fecundações foram feitas somente por estabelecimentos comerciais, depois, alguns orquidófilos, se aventuraram a fazer suas próprias sementes, e hoje, com as facilidades que foram surgindo, grande parte dos colecionadores produz os seus próprios clones.

Um dia foi feito o cruzamento de duas tradicionais *labiata* semi-albas, “Marina” com “Odete”, plantas originárias das matas. Não se sabe o porque, nem como surgiu a idéia desse cruzamento, pois, se analisarmos estas plantas, veremos que, não são possuidoras de predicados de primeira grandeza.

Como se pode ver da foto, a “Odete” não possui grandes atributos, deixando muito a desejar. O seu colorido também é comum, tendo somente o seu labelo como atrativo. Já, a “Marina”, apresenta uma melhor composição, e, o seu colorido é mais



C. labiata “Marina”

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

harmonioso.

De um cruzamento que, a princípio, parecia ter sido feito, sem nenhum critério, surgiram clones belíssimos, resultando diversos coloridos, como: "rosadas" - "lilás" - "semi-albas", surpreendendo a todos os orquidófilos.



C. labiata "Odete"

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

importante é que esse cruzamento foi feito dentro de uma mesma espécie, tratando-se, portanto, de uma verdadeira *C. labiata*, não havendo, pois, deturpação da espécie.

Ressalvo que a classificação adotada não tem pretensão a conceito botânico, mas sim horticultural e orquidófilo, submeten-



C. labiata semi-alba 'Chão de Estrelas'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

O registro mais importante dessa sementeira é que, dele, surgiu uma nova variedade de colorido de "labiatas", com características jamais encontradas em plantas apanhadas nas matas, ou, mesmo, de outra sementeira feita dentro desta espécie. São flores que, à primeira vista, apresentam-se totalmente brancas, mas, ao serem melhor examinadas, vemos, no interior do tubo do labelo, estrias solferinas, que não atingem o lóbulo frontal. Como o branco dos segmentos florais é quebrado por outro colorido, além do tradicional amarelo que caracteriza uma "alba", não podemos considerá-la como tal, mas sim como uma semi-alba, e, como essa ocorrência é localizada somente no interior do tubo, podemos chama-la de "tubular". Assim, depois de discutir o assunto com outros orquidófilos, obtive consenso para classificá-la como, var. "semi-alba, tubular". O



C. labiata semi-alba Agnus Dei

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

do-se, portanto, essa designação para esta variedade à aprovação dos experts.

Ilustrando este trabalho, apresento alguns clones de *C. labiata* var. semi-alba tubular, que exemplificam este colorido.



C. labiata semi-alba 'Monte Cristo'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes



C. labiata semi-alba 'Imperator'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes



C. labiata, solferina 'Adriana'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

Vejam as fotos desta página.

Além destes clones tenho alguns outros, sendo do meu conhecimento que outros orquidófilos também possuem plantas com essas características, o que justifica plenamente considerarmos este colorido, como uma nova variedade dentro do reino das "*labiatas*".

Antes de finalizar, gostaria de registrar, um clone de *C. labiata* encontrado, há muitos anos, na mata, cujo colorido apresenta uma ligeira semelhança com o que estamos exemplificando, mas que mostra as veias do interior do tubo, estendendo-se pelo frontal do labelo, enquadrando-a como uma variedade venosa, e não tubular.

É a tradicional "Adriana", que, quando foi encontrada, o seu possuidor, ficou tão empolgado que deu um churrasco para mostrá-la aos companheiros. Até os dias de hoje, foi a única planta que apareceu com este colorido. Sua forma não é das melhores, o que, neste caso, é secundário.

Se o surgimento da *C. labiata* var. semi-alba tubular tivesse tido lugar em outras épocas acredito que o seu destaque teria sido, bem maior. Possivelmente teríamos tido encontros e muitas reuniões para divulgar e curtir o acontecido. Mas hoje sinto que aquele entusiasmo vem diminuindo e tais comemorações tornam-se cada vez mais raras.

Assim, como eu vibrei com as florações destas *C. labiatas*, achei que deveria registrar este acontecimento, divulgando algumas destas maravilhas da natureza, que a mão do homem criou para enfeitar as nossas coleções.

(*) Rua D. Delfina 114, Tijuca
20.511-270, Rio de Janeiro, RJ